

13. ANEXOS

A TESTEMUNHA

Lygia Fagundes Telles

Ele tinha o olhar fixo no anúncio luminoso. Fazia uma hora que tinha o olhar fixo no anúncio onde um cisne fosforescente aparecia em primeiro lugar no oco do espaço negro. Em seguida, como uma enorme flor, abria-se em redor um lago de pétalas ondulantes, estendendo-se até à meia lua interrompida pelo perfil de um edifício: só as cinco letras iniciais do anúncio eram visíveis, as outras desapareciam detrás do cimento armado.

— Belon — disse ele antes que as cinco letras se apagassem sob o diadema da meia lua. Voltou-se para o recém-chegado: — Belon, belon. O que será que vem depois?

— Belonava — disse o outro inclinando-se para o banco. — Mas este banco está molhado, Miguel. Você vai pegar um resfriado pelo traseiro.

— Não, não é belonave, é outra coisa.

— Belominal. Você está aqui há muito tempo? Noite mais gelada.

Miguel levantou-se. Olhava ainda para o anúncio que recomeçava a acender. Sorriu.

— Não vou saber nunca. Como no baralho, quando a gente vai filando as cartas. E fecha depressa o leque, com medo de ver o resto. Pode ser o nome de um colchão de molas. Ou de uma geladeira. Ou de um uísque, tanta coisa já passou pela minha cabeça. Belon, belon. Soa assim como um sino, hem, Rolf?

— Lá do fim do parque a gente pode saber — disse Rolf tirando uma folha seca que se colara ao sobretudo do amigo.

— Mas você sabe.

Lentamente Rolf foi se voltando para Miguel. Tomou-o pelo braço.

— Que é que eu sei?

Mancando um pouco, Miguel deixou-se conduzir. Antes, ainda olhou o anúncio fosforescente.

— O que houve ontem à noite. Você sabe o que houve ontem à noite. Não vai me dizer?

Rolf levantou a gola do sobretudo. Esfregou as mãos.

— Umidade desgraçada. A gente podia ir comer um peixe com um bom vinho tinto, besteria isso de vinho branco com peixe, quero um tinto ligeiramente aquecido. Uául

— Não vai me dizer, Rolf?

— Dizer o quê, rapaz?

— O que houve ontem à noite.

— Ora, o que houve! Mas então você não sabe?

— Não. Não lembro.

— Mas como não lembra?

— Não lembro, simplesmente não lembro — repetiu Miguel torcendo as mãos. Fechou-as com força contra o peito: — Sei que você foi me visitar mas depois disso não lembro mais nada, minha memória breca, fica tudo escuro como naquele anúncio. Sei que aconteceu alguma coisa mas não lembro. Você vai me dizer, não vai, Rolf? Hem, responde, não vai me dizer?

Rolf desviou o olhar da cara branca, em suspenso, na sua frente. Formou-se um vinco profundo entre duas sobrancelhas mas ainda assim conseguiu sorrir. Impeliu o amigo para adiante, fazendo-o andar.

— Mas não aconteceu nada de especial, ora. Não tenho o que contar.

— Não?

— Lógico que não. Cheguei em sua casa por volta das nove, você queixava de dor de cabeça, se lembra?

— Disso me lembro. E daí?

— Ora, daí... Daí tomou um comprimido, parece que a dor passou e ficou então todo excitado com o livro de um húngaro que estava lendo, não sei o nome do livro nam vem ao caso, o facto é que você desatou a falar. Falou, falou.

— E então?

— Então, acabou. Fiquei cheio, me deu vontade de tomar café e fui até a cozinha, lembra?

— Não, desse pedaço não lembro. Vejo você chegando e eu me queixando de uma dor bem aqui na nuca — disse Miguel apressando o passo para ficar ao lado do outro, que andava mais rápido. — O resto esqueci, não sei de mais nada.

— Quando voltei com o café, você estava estendido no sofá, dormindo feito uma criancinha. Fechei a luz e saí. Acabou.

— Por favor, Rolf.

— Mas se não aconteceu mais nada, que é que você quer que eu faça? Quer que invente? Posso inventar se quiser.

Proseguiram andando, Rolf alguns passos adiante de Miguel, que mancava ligeiramente.

— Sinto que tinha uma pessoa perto e essa pessoa só pode ser você — disse Miguel num tom brando. — Você sabe o que eu fiz. Mas não vai me dizer nunca.

Rolf retardou a marcha e abriu os braços num gesto exasperado. Olhou para o céu e pareceu se distrair com as estrelas:

— Veja só, pensei que fosse chover de novo. Mas não vai durar, já vem vindo uma nuvem meio suspeita.

— Hoje cedo encontrei o relógio despedaçado, aquele relógio do escritório, em formato de oito. E um rasgão no lençol, o relógio em pedaços. E o lençol.

— O lençol?

— Também não encontrei mais o gato. A porta da cozinha estava aberta — prosseguiu Miguel numa voz tão baixa que o outro teve que se inclinar para ouvir. — Você sabe mas não vai me dizer.

Pararam diante do pequeno lago de água verde, aninhado entre os salgueiros que pendiam seus longos ramos até tocar na superfície estagnada, com coágulos finos como lâminas de vidro fosco.

— Esta água está podre — disse Rolf voltando-se para o amigo. Deu uma risadinha: — Com esses elementos você pode reconstituir tudo, não pode? O relógio, o lençol e o gato. Você não lia livro policial? Então. Estou é preocupado com o gato.

— Não brinca, Rolf. É sério.

Afetuosamente, Rolf puxou o amigo pelo braço:

— Vamos, chega de minhocar, tudo besteira, não pensa mais nisso. Não aconteceu nada, rapaz. Acho que você está precisando é de mulher, essa nossa vida acaba dando nisso, uns neuróticos. Se tivesse aí umas putas bem simpáticas, hem? Onde estão nesta hora as putas simpáticas? Antigamente tinha tanto, agora só vejo umas meninas chatinhas.

Miguel encarou-o.

— Curioso isso. Como você sabe o que aconteceu, sempre que olho para você vejo que aconteceu alguma coisa.

— Ah, mas é porque minha cara é muito expressiva.

— Por favor, Rolf.

— Mas o que você quer que eu faça? Só se tive o acesso junto, nós dois completamente loucos, quebrando coisas, espancando o gato. E agora esqueci também, esses acessos podem dar de parceria. Ou não?

Miguel baixou a cabeça, enfurnou as mãos nos bolsos e prosseguiu no seu andar vacilante. Sorriu para o amigo que sorria entre malicioso e divertido.

— Nós dois? Ao mesmo tempo? — Sacudiu-se de repente num riso salivoso, reprimido. — Acho que também estou com fome, peixe com vinho tinto, meio aquecido. Boa idéia. Conheci outro dia um restaurante fabuloso, é meio longe mais vale a pena, tão gostoso andar nesse frio.

— Machucou o pé?

— Por quê?

— Você está mancando.

— Estou? — surpreendeu-se Miguel. Olhou para os próprios pés. Recomeçou a marcha, apressando-se para alcançar o amigo.

— Não sinto nada, Rolf. Você disse que estou mancando?

— Um pouco. Mas esse restaurante é longe? Já é tarde, será que ainda servem a gente?

— Não tem problema, fica aberto até de madrugada, é a dona mesma que cozinha, uma espanhola chamada Esmeralda. Não sei o nome da rua mas sei onde fica. Comida fabulosa.

Rolf atirou o cigarro na direção do canteiro. A brasa traçou no ar um arco vermelho e desapareceu na relva.

— Tive uma namorada com esse nome, Esmeralda. Esmeralda.

Compassadamente, Miguel sacudia na mão a caixa de fósforo. Devolveu-a.

— Meu pai comprava umas caixas de fósforos com um enorme olho dentro de um triângulo, eu ficava fascinado por aquele olho. Um olho suplementar dentro do bolso, tão inquietante aquele olho vendo tudo. Ainda existe essa marca?

Rolf mordiscou o lábio superior tentando prender nos dentes os fios mais longos do bigode.

— Ouça, Miguel, não se preocupe, o que passou, passou. Seja o que for, passou. Somos todos normalmente loucos. As vezes fingimos uma loucura ainda maior mas isso faz parte do sistema, é preciso. A loucura cotidiana não tem importância, de vez em quando dá uma piorada e piora mesmo, que diabo. E daí? O tal cotidiano acaba prevalecendo sobre todas as coisas que nem na Bíblia. Isso de dizer que tem um fio de cabelo nos separando da loucura é besteira — acrescentou consertando com as pontas do dedos o bigode. Suspirou. — Sua família está aqui?

— Não. Por quê?

— Lembrei agora de sua mãe. Ela fazia uns pastéis deliciosos.

— Fazia melhor o amor.

— Ai, meu Hamlet — gemeu Rolf deixando-se levar pelo amigo, que o tomara pelo braço. — Você hoje está mesmo um chato.

— Acho que estou com fome, faz tanto tempo que não como. Depois cantarei um tango inteirinho, lembra, Rolf? Tenho voz ótima.

— Nem diga.

Enveredavam agora por uma rua escura, quase deserta. No fim, a ponte, recurvo traço de união entre as duas margens do rio. As estrelas já não podiam ser vistas, veladas pelos rolos de nuvens roxas. A névoa esbranquiçada subia mais densa na altura do rio. Rolf começou a assobiar meio distraidamente.

— Ainda está longe?

— O quê?

— O restaurante, rapaz.

— Fica logo depois da ponte — disse Miguel inclinando pa-

ra amarrar o cordão do sapato. — Conheço bem esse rio. Quando criança, todo sábado vinha nadar. A água é tão suja. Gostava também de remar, tinha mania com esporte.

— Acho que foi por isso que você ficou desse jeito, vida muito saudável dá nisso — disse Rolf acompanhando sem nenhuma animação o riso convulsivo do amigo, que se agarrara ao seu braço. — Sempre tive horror de cloro, horrível. Engraçado, me lembro do cheiro dela mas não lembro da cara.

Tinham atingido a ponte. Miguel parou. Olhou em redor.

— A gente se esquece de certas coisas e de outras não. Você tem cigarro?

Rolf tirou do maço o último cigarro, que veio amassado:

— Fuma este?

— E você?

— Agora não quero.

Miguel abrigou a chama do fósforo na concha da mão. Seu rosto teve um reflexo de brasa.

— Mas sabe, Rolf, esqueci por completo o que aconteceu ontem e isso não teria a menor importância se não fosse você. Você é essa ponte, o único ponto que me liga à véspera — disse abaixando-se de novo como se fosse amarrar o sapato.

Rolf avançou de mãos nos bolsos, encolhido. Miguel então veio por detrás e, agachado ainda, agarrou o outro pelas pernas, ergueu-o rapidamente por cima do parapeito e atirou-o no rio. As águas se abriram e fecharam sobre o grito afogado, se engasgando.

Debruçado no gradil de ferro, Miguel olhou o rio. Depois inclinou-se, apanhou no chão o cigarro ainda aceso e soprou vivamente a brasa. Amarfanhou devagar o maço vazio e durante algum tempo ficou imóvel, fumando e olhando a água. Fez do maço uma bola e atirou-a longe. Não se voltou quando ouviu passos atrás de si. Sentiu a mão tocar-lhe o ombro.

É proibido atirar coisas no rio.

Ele ergueu para o policial a cara pasmada.

— Mas era um maço de cigarro, um maço vazio.

— Eu sei, mas não pode. É a lei.

Miguel baixou a cabeça. Sorriu.

— O senhor tem razão — disse levantando a mão para tocar na aba do chapéu que não trazia. — Toda razão. Não faço mais, prometo.

Mancando um pouco, atravessou a ponte e sumiu no nevoeiro.